

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO ♦ EDITOR: MANUEL RODRIGUES ÁLVARES ♦ DELEGAÇÕES: LISBOA - TELEF. 31839 - FARO - TRAV. DO PÉ DA CRUZ, 5 ♦ AVENÇA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 54 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - TELEFONE 254 ♦ OFICINAS: EMPRESA LITOGRAFICA DO SUL, LIMITADA - V. R. S. ANTÓNIO

A valorização da serra algarvia AS PODAS DOS SOBREIROS



Vários aspectos da vida do sobreiro cuja explicação se encontra no texto do artigo

A plantação de arroz na propriedade da Azeda

A CERCA da local onde apontávamos os possíveis inconvenientes da plantação de arroz na propriedade da Azeda, no concelho de Vila Real de Santo António, recebemos a seguinte carta:

Sr. director do Jornal do Algarve

Li, no jornal que v. superiormente dirige, uma leve alusão ao perigo que pode vir a constituir a plantação de arroz em uma propriedade do sr. dr. António Drago nas proximidades da praia de Monte Gordo, em relação à muito louvável iniciativa que é a Operação Algarve-Turismo neste concelho.

O grito de alarme do vosso colega «Diário de Lisboa», teria a mais justa razão de ser e a aprovação de todos os habitantes locais, se tivesse eclodido há uns tempos atrás, isto é, há quatro ou cinco anos, em virtude da citada zona ser infestada desses aborrecidos, porém inofensivos, mosquitos, pouco antes de alguém ter pensado no desenvolvimento agrícola da área em questão, até hoje inculta na sua quase totalidade e de águas estagnadas pela sua situação hidrográfica ao nível do mar. De facto, quando se transita na estrada nacional em viatura automóvel, e se faz o

(Conclui na 6.ª página)

Por estarmos na época em que as podas dos sobreiros são autorizadas, vamos hoje falar da sua importância, necessidade, fins, consequências e técnica a aplicar na execução dos seus diversos tipos.

Se muitas são as causas do desaparecimento do sobreiro da serra algarvia é, actualmente, a

poda mal feita, uma das que mais contribuem para a destruição dos poucos exemplares que ainda restam. Por isso, procuramos levar ao conhecimento dos proprietários os benefícios que ela nos pode trazer quando feita em boas condições e os prejuízos que aparecem, quando executada em más condições.

Antes, porém, devemos esclarecer o leitor de que se há disposições legais a regular a prática das podas dos sobreiros, nada existe que obrigue os proprietários a procederem à sua execução. É, portanto, facultativa.

Sendo a poda do sobreiro um tratamento cultural, tem, forçosamente, de representar um benefício e não um prejuízo para a árvore a que é administrada, não devendo nunca ser praticada com o fim lucrativo ou qualquer outro. Deverá, antes, ser praticada de harmonia com a índole da árvore e tendo em vista o seu melhor equilíbrio vegetativo, tão necessário à melhor e mais garantida produção.

Começaremos por tratar da escolha e aproveitamento do jovem sobreiro, com a poda de formação.

(Conclui na 8.ª página)

Já começou a aquisição dos terrenos para a construção do aeródromo - informa o relatório do Município fareense

A sessão do Conselho Municipal da capital do distrito presidiu o sr. dr. Luís Gordinho Moreira, presidente da Câmara Municipal, que fez uma larga exposição da actividade deste corpo administrativo. Uma nota a salientar é a sanidade das finanças municipais cujas receitas ordinárias, que foram em 1956, de 3.957.084\$60, subiram no ano findo para 5.763.425\$30, o que equivale a um aumento de cerca de 45 por cento.

Ponderando a necessidade de uma orientação consciente, diz-se no relatório: «O volume da obra a realizar e a escassez dos meios de que se dispõe, determina cuidadosa planificação; de contrário podem criar-se problemas maiores do que os que se tentou resolver. Onde tem sido possível, sobretudo em estradas e caminhos municipais»

(Conclui na 4.ª página)

Verdades acerca da imprensa de província

A propósito do aniversário de um nosso colega regional, um colaborador do nosso prezado colega «Comércio do Porto» que assinava com as iniciais U. A. redigiu um interessante artigo sobre a compreensão que no geral atinge os jornais de província, artigo do qual pedimos vênua para extrair as seguintes passagens:

«Toda a gente sabe o quanto se torna ingrata e difícil a missão dos que procuram orientar e disciplinar a opinião pública, defendendo com dedicação e coragem os interesses materiais da sua terra, pondo em relevo as aspirações espirituais da comunidade, com dignidade, independência e cortesia.

«Num ambiente restrito, sem grandes recursos, colaboração incerta, ocorrências desprovidas de retumbância, indiferença por vezes, tudo isto são percalços inerentes a

(Conclui na 6.ª página)

O Parque de Campismo de Monte Gordo, que ficará concluído dentro de três meses, será talvez o melhor da Península Ibérica - diz-se no relatório do Município Pombalino

«Auto do mar iluminado» do poeta Ramiro Guedes de Campos na Casa do Algarve

PROMOVIDA pelo Centro Contemporâneo de Cultura, com a colaboração da Casa do Algarve, efectua-se na sede desta colectividade, em 2 de Março, às 21,30, a primeira leitura do «Auto do mar iluminado», da autoria do poeta Ramiro Guedes de Campos. A leitura será realizada pelo autor, no papel de «Infante D. Henrique» e pelos actores Maria Albergaria, no papel de «Mãe»; Fernanda Alves, «Noiva»; Eduardo Silveira, «Frei João do Mar»; Rui Mendes, «Gedeão»; Dinis Morais e Castro, «Diogo Afonso»; Francisco Nicholson, «Vigia» e «Velho» (todos pertencentes ao agrupamento teatral do poeta António Manuel Couto Viana), pela declamadora Maria Luísa Malheiro Dias, como Narradora e pelo actor Francisco Esteves, no papel de «Gil Eanes».

REUNIU-SE o Conselho Municipal de Vila Real de Santo António, sob a presidência do sr. Matias Gomes Sanches, para apreciar o relatório da gerência do ano findo da Câmara Municipal. No documento apontam-se os assuntos de maior relevo na vida municipal e que foram: compra de terrenos para o edifício da Escola Industrial e Comercial e início da mesma construção; arruamentos na sede do concelho e Monte Gordo; arruamentos e estradas em Vila Nova de Cacela; casas para pobres; abastecimento de água a Vila Real de Santo António; saneamento e venda de terrenos em Monte Gordo; Parque de Campismo; hotel e electrificação do concelho.

A compra de terrenos para o edifício da Escola Técnica, iniciada em 1959 e terminada no ano findo, deu ensejo a que obras co-

(Conclui na 5.ª página)

Visado pela delegação de Censura

E por que não se faz o mesmo na linha do Algarve?

LEMOS no nosso prezado colega «Jornal do Fundão» que vai ser reparada e rectificadora, isto é, reconstruída a linha férrea da Beira Baixa. Os combóios que presentemente dilatam o seu curso por oito horas para atingir a Guarda passarão, depois da obra feita, a gastar pouco mais de quatro horas. O melhoramento (explica aquele nosso prestigioso colega), é feito ao abrigo do II Plano de Fomento.

Devemos dizer com toda a franqueza que não sentimos o menor despeito pelo benefício de que vão desfrutar as terras da Beira Baixa. São tão portuguesas como este mal desenhado rectângulo de terra que fica no extremo Sul de Portugal. Mas se não sentimos despeito, não podemos disfarçar a nossa mágoa pela desatenção de que é objecto o Algarve. Considerada mundialmente região de turismo privilegiada, tendo-se investido e continuando a investir-se nela capitais volumosos saídos dos bolsos particulares, não se percebe bem este manifesto descuido na melhoria e actualização das comunicações ferroviárias.

Houve tempo em que o Algarve

(Conclui na 5.ª página)



Este é um modelo da casa René Lathers, de Nova Iorque. Trata-se de um vestido de pele de carneiro, em amarelo polido. O casaco faz lembrar uma camisa masculina.

A ermida de S. Gonçalo no concelho de Palmela

por ANTERO NOBRE

IV

«Correio do Sul»

ENTROU no 43.º ano de publicação o nosso prezado colega fareense «Correio do Sul», dirigido, com muito brilho e competência, pelo sr. dr. Mário Lister Franco. Felicitamo-lo e aos seus colaboradores.

A ermida de S. Gonçalo, no concelho de Palmela, que tem sido objecto desta série de artigos, é um templo por assim dizer, minúsculo, quase um simples oratório, semelhante nas dimensões a muitos outros dos que outrora se construíam, ao longo das nossas estradas e caminhos ou no meio dos nossos campos, para assinalar e rememorar qualquer acontecimento importante, meramente humano ou mesmo sobrenatural, ocorrido no lugar; só a vasta alpendrada que a antecede (e nos parece de construção posterior à fábrica primitiva, como aliás também a pequeníssima sacristia, esta talvez ainda mais moderna, que visivelmente foi encostada a uma das faces da primeira edificação) dá ao conjunto um aspecto exterior de maior grandeza. Para se ter uma ideia aproximada das suas reais dimensões, bastará dizer-se que, sendo a ermida de plan-

(Conclui na 4.ª página)

ALGARVE 1965

De Setúbal ao Algarve em transporte rodoviário

por HORÁCIO NEVES BACELADA

EM grande problema das cidades de todo o País é o da passagem dos transportes rodoviários pelo centro delas. Nenhuma está preparada para facilmente e com segurança, permitir o escoamento rápido dos veículos, o que assume aspectos gravíssimos em relação às estradas de 1.ª ou «grandes vias». É este o caso da estrada para o Algarve e Espanha na travessia de Setúbal.

No primeiro artigo desta série defendia-se a ideia da construção de uma auto-estrada, prolongamento natural da ponte sobre o Tejo até à entrada de Setúbal. Mas terminando aí a almejada via, surgiria de novo o problema do trânsito difícil e inseguro porque em pouco tempo será impos-

(Conclui na 5.ª página)

O Algarve invadido pelos turistas

DESDE o fim da semana passada e durante toda esta semana o Algarve tem registado uma afluência vulgar de visitantes de todo o País e também de bastantes estrangeiros. Isso deve-se não só aos dias lindíssimos, de Sol quente e radioso, como também ao facto das amendoeiras terem atingido a sua máxima floração nos últimos dias e ainda às festas do Carnaval que se realizaram em Loulé, Moncarapacho e S. Bartolomeu de Messines. A lotação dos hotéis, pousadas, pensões e casas de hóspedes esgotou-se e muitos visitantes tiveram que alojar-se em casas particulares. Alguns turistas aproveitaram o passeio para se banharem nas nossas praias.

«Vulpes Fabulosa»

— por Elviro Rocha Gomes

POETA e prosador—escritor eclético e incansável—Elviro Rocha Gomes, cuja bibliografia vai sendo vasta, acaba de publicar novo trabalho: «Vulpes Fabulosa». Trata-se de uma monografia da raposa na literatura e na lenda, esse mamífero matreiro de quem se contam muitas proezas. Neste estudo do escritor algarvio, que termina com a tradução das fá-

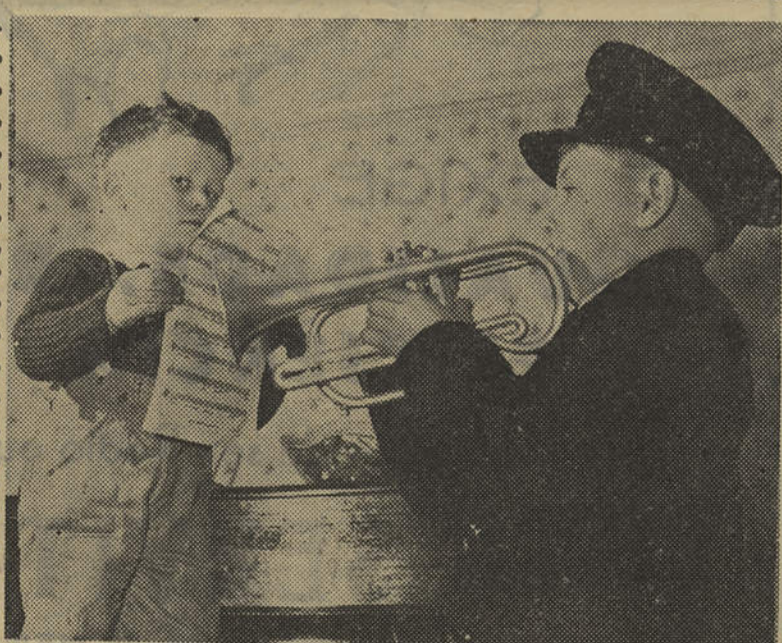
(Conclui na 6.ª página)

A saúde é a maior riqueza

MUDANÇAS DE TEMPERATURA

As mudanças repentinas de temperatura são prejudiciais ao organismo e predis põem à gripe. O corpo, entretanto, fica em condições de suportá-las, quando o indivíduo, diariamente, pela manhã, pratica exercícios moderados e, em seguida, toma um banho frio.

Inclus nos seus hábitos diários a prática matinal de exercícios moderados, seguidos de um banho frio.



Filho de peixe sabe nadar — diz a sabedoria popular. Pois é o que acontece com este trompetista de 9 anos, Keith Archer, que se houve com muito brilho num campeonato Nacional de Bandas, em Londres. Keith é filho de um famoso trompetista que faz parte da Grande Banda Metropolitana de que o pequeno também é executante. Aqui vem-lo a estudar, auxiliado por um irmãozinho de 3 anos, que lhe segura o papel.

PANORÂMICA



COM A COLABORAÇÃO DOS SERVIÇOS CULTURAIS DA SHELL PORTUGUESA

Uma pilha de combustível mais potente

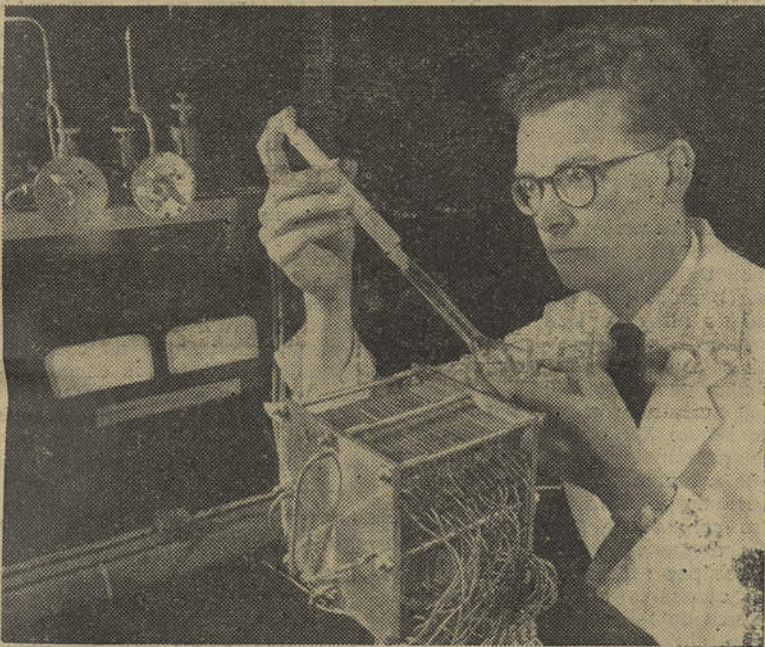
☉ CENTRO de Investigação Científica da Shell em Thornton, Cheshire, Inglaterra, marcou mais uma pedra branca na sua actividade ao anunciar, pela voz do director-geral da Shell Research Ltd., dr. C. G. Williams, que graças aos esforços dos seus cientistas podia apresentar uma pilha de combustível de baixa temperatura que gera três a cinco vezes mais potência, por unidade de volume, do que qualquer outra pilha semelhante.

«O interesse da Shell na pilha de combustível», disse o dr. Williams, numa conferência de Imprensa, «resulta do facto da indústria petrolífera ser fornecedora de combustíveis e de ninguém ter ainda chegado à conclusão de qual a espécie de combusti-

pilha de combustível prática pode aumentar a eficiência na produção de energia, reduzindo as perdas, e contribuir para solucionar o problema de como satisfazer a procura, cada vez maior, de energia no Mundo».

Duas outras vantagens da pilha de combustível são a redução da poluição atmosférica, provocada pelos gases de escape, e a redução de ruídos. Se os problemas técnicos inerentes ao desenvolvimento da pilha de combustível forem solucionados com êxito, é possível que a sua utilização se popularize.

O elevado rendimento da pilha de combustível de Thornton resulta dos estudos fundamentais que aquele Cen-



O dr. D. P. Gregory, do Centro de Investigação Científica da Shell em Thornton (Inglaterra), trabalhando na pilha de combustível

vel que melhor servirá para a pilha de combustível do futuro».

«Quando os combustíveis são queimados numa turbina de vapor ou motor do tipo automóvel, 60/58% da sua energia é desperdiçada sob a forma de calor. Transformando a energia de um combustível directamente em electricidade, numa pilha de combustível, sem utilizar um motor térmico, o desperdício será reduzido de 20 a 30 por cento».

«Assim, a criação de uma pilha de combustível prática de investigação fez sobre os electrodos nela utilizados. Este trabalho levou à criação de electrodos pouco dispendiosos, de fácil fabrico, e que são altamente activos. Como combustível, utilizou-se hidrogénio mas a pilha poderá vir a utilizar outros combustíveis, o que vai ser tentado.

A pilha pode funcionar quer com electrólitos alcalinos ou ácidos. Referindo-se ao electrólito, o dr. Williams disse que a pilha de ácido oferece uma grande vantagem pois é isenta de avarias causadas pelo anidrido carbónico. Este gás, que se encontra presente no ar e também nos gases provenientes dos hidrocarbonetos combustíveis, destrói a actividade dos electrólitos alcalinos.

Embora estas pesquisas revelem a possibilidade de grandes progressos na concepção de pilhas de combustível, a Shell Research não tenciona, por enquanto, construir unidades maiores, visto que considera o momento demasiado cedo para predirer em que linhas serão concebidas as novas pilhas de combustíveis. O trabalho no Centro de Investigação Científica de Thornton prossegue e inclui o estudo da aplicação de outros combustíveis, além do hidrogénio.

O Jornal do Algarve vende-se em Faro, na Tabacaria Farracha, rua de Santo António, 14.

«ORIANE», modelo de Maggy Rouff, de nítida inspiração oriental

Um reservatório subterrâneo para cerca de 100 milhões de litros de gás butano

UM trabalho que levou três meses e meio e consistiu em bombar gás butano para dentro do maior reservatório subterrâneo de produtos petrolíferos existente no Mundo, foi agora completado por conta da Shell Oil Company.

O reservatório é uma caverna escavada numa formação calcária, cem metros abaixo da superfície da terra, na refinaria da Shell em Wood River, Estado de Illinois. A sua capacidade de armazenagem é de cerca de 100 milhões de litros de gás butano.

A construção da caverna levou dez meses. Abriam-se dois pequenos poços, e tudo quanto foi necessário para as escavações — homens, máquinas e depois 175.000 tonela-

das de rocha escavada passou por esses poços.

As máquinas desceram peça a peça e foram novamente montadas no fundo.

O gás butano é acumulado na caverna durante o tempo quente para ser misturado na gasolina, de acordo com as necessidades impostas pelas diversas estações do ano.

Está em construção uma segunda caverna, situada a relativa distância da primeira, que armazenará cerca de 45 milhões de litros de propano, utilizado sob a forma de gás engarrafado.

Até parece mentira...

Em Otava, Ontário, a polícia mandou alargar os assentos de vinte novas motocicletas que encomendou com destino às agentes de trânsito.

Em Alexandria, Nova Orleães, todo o cão que acompanha o dono ao quichê exterior do Banco local, tem direito a um biscoito (próprio para cães).

A BANANA DECIDE QUEM SÃO OS VOLUNTÁRIOS

Os chimpanzés que hão-de preceder o homem nas viagens interplanetárias são «voluntários» — declarou o general Don D. Flickinger, chefe da Divisão de Pesquisas Bioastronómicas da Força Aérea dos Estados Unidos. «Treinamo-los durante alguns dias de maneira a ficarem quietos num pequeno assento, depois oferecemos-lhes uma banana numa mão e uma maçã na outra; se escolhem a banana são voluntários — e é isso o que acontece quase sempre».

ANEDOTAS

Numa aldeia francesa comemora-se o centenário de um habitante. Presentes as autoridades, a Imprensa, a Rádio e a Televisão.

Um repórter formula ao velhinho todas as perguntas clássicas num caso destes: «Que regime de alimentação tem?»; «Qual a sua melhor recordação?», etc. Depois, assaltado por uma inspiração, o repórter, astucioso, inquiriu:

— Se tivesse que recomeçar a sua vida, que gostaria de fazer?

Silêncio do velho, que parece pensar na hipótese formulada. O repórter, de caneta em riste, aguarda, ansioso, o momento de recolher a confiança do centenário.

Até que o velhinho com um ar malicioso, diz:

— Se tivesse que recomeçar a minha vida, havia uma coisa que gostava muito de fazer...

— O quê, o quê? — pergunta o repórter.

— Penteava-me de risca ao meto!

Um cavalheiro procura o empresário de um grande circo.

— Tenho um número sensacional para lhe propor.

O empresário, aborrecido, encolhe os ombros e exclama:

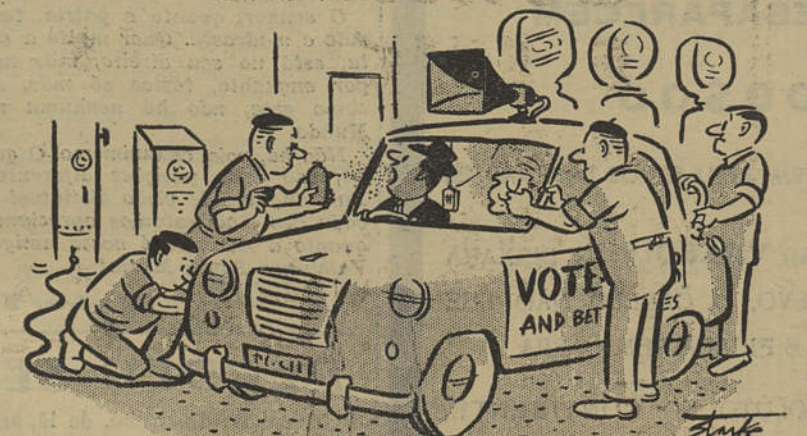
— Ora! Ora! Propõem-me números sensacionais todos os dias!

O outro insiste:

— Asseguro-lhe que é uma coisa formidável: subo até à altura de 25 metros e depois atiro-me e caio dentro de uma garrafa de litro...

— O quê? Você salta de vinte e cinco metros para dentro de uma garrafa! Mas como é que faz isso?

— Muito simplesmente. Com o auxílio de um funil!



Serviço completo para o candidato a deputado



Uma fenomenal «cabeça» de McCullough, do Arsenal

SERVINDO A LAVOURA

A propósito de adubos nitricoamoniacais

pelo eng.-agr. Manuel Vianna e Silva

(Do Boletim Agrícola, publicação mensal da Shell Portuguesa)

ENTRE os adubos azotados de maior preferência no mercado mundial destacam-se os nitricoamoniacais que apresentam reunidas as características que definem dois importantes grupos de fertilizantes químicos: os nítricos e os amoniacais.

Os adubos nítricos são rapidamente assimilados pelas plantas; são deliquescentes; não sofrem qualquer transformação no solo antes de serem absorvidos; são fracamente retidos pelos solos.

Os adubos amoniacais são muito solúveis na água; não são directamente assimilados pelas plantas, havendo necessidade de prévia transformação do azoto amoniacal em nítrico; decompõem-se em presença da cal, perdendo azoto sob a forma de amoniaco gasoso; no terreno, especialmente argiloso, os sais amoniacais são dificilmente arrastados por lixiviação.

Destas propriedades resultam como não podia deixar de ser indicações de grande utilidade na sua aplicação.

Podemos, sintetizando, afirmar que os adubos que contêm o azoto sob a forma nítrica devem empregar-se de preferência:

a) em terrenos argilosos, pouco arejados, pesados e pobres em cal; b) em solos áridos; c) em solos ricos em cal quando a vegetação mostrar necessidade da sua aplicação; d) quando se deseje um efeito rápido sobre a vegetação; e) como um adubo de Primavera.

Os adubos que apresentam o azoto no estado amoniacal, como o sulfato de amónio, o de maior vulgarização dentro deste tipo, devem ser aplicados:

a) em terras francas, argilosas, arejadas e solos arenosos, todos contendo cal; b) quando se pretende de um fundo de reserva de azoto.

Foi considerando as boas propriedades inerentes aos sais amoniacais e aos nitratos, propriedades estas que, em conjunto, não há dúvida, satisfazem a maioria de condições existentes de cultura, solo e clima, que se criaram os adubos mistos nitricoamoniacais.

O nitrato de amónio o primeiro deste tipo, embora de alto valor fertilizante e de efeitos práticos apreciáveis, não teve grande expansão, principalmente entre nós, devido a ser um produto de difícil manuseamento, explosivo e higroscópico.

As suas propriedades são a duma mistura de adubos nítricos e amoniacais: acção muito rápida sobre a vegetação, dada pelo azoto nítrico, a par duma acção prolongada de que é responsável o azoto amoniacal.

Estas duas características reunidas, que fazem dos adubos nitricoamoniacais excelentes fertilizantes de fundo e simultaneamente de cobertura, eram, no entanto, no nitrato de amónio, quase totalmente desvalorizadas pelos inconvenientes que apontámos. Devido, porém, ao interesse que um adubo desta natureza poderia vir a ter, nos meios agrícolas, tentaram-se vários processos para neutralizar aqueles defeitos.

De todos o mais conhecido e que ficou como padrão deve-se aos ingleses: um produto, designado «nitrochalk», que não era mais que uma mistura de nitrato de amónio (44,3% e de carbonato de cálcio (51%), com 15,1% de azoto fertilizante e 29% de cal. Com este adubo assim preparado, um outro inconveniente, que não tínhamos ainda referido, a tendência para a acidificação dos terrenos, deixava também de preocupar a lavoura e, ao mesmo tempo, devido ao óxido de cal que continha, melhoravam-se as condições físicas do solo.

Actualmente existem no mercado vários adubos deste tipo que, pela possibilidade que existe de serem aplicados em múltiplas condições, estão merecendo da lavoura acolhimento favorável.

Nas últimas campanhas o consumo de adubos nitricoamoniacais

na maioria dos países europeus excedeu largamente o de qualquer outro produto fertilizante.

Devemos dizer, porém, que os adubos nitricoamoniacais não podem ser usados indistintamente para qualquer cultura. Há casos em que, evidentemente, outros adubos azotados estarão mais indicados como, por exemplo, o da cultura do arroz.

Excluindo, porém, algumas culturas em que há manifesta preferência por determinados adubos ou certas condições de meio que tornam pouco eficiente o uso dos nitricoamoniacais, pode afirmar-se que este tipo de adubos poderá com vantagem substituir outros tipos de fertilizantes, concorrendo assim para o aumento de produção que é, em última análise, o objectivo de quem se dedica à cultura da terra. Nem de outro modo se compreenderia o valor de um adubo misto que não trouxesse à lavoura as melhores características de cada um dos seus componentes.

As doses a aplicar variam muito, como não podia deixar de ser, consoante a concentração do adubo, as plantas em cultura, a rotação adoptada, a natureza do solo, etc., podendo no entanto indicar-se como limites 75 a 400 quilogramas por hectare.

As suas propriedades são a duma mistura de adubos nítricos e amoniacais: acção muito rápida sobre a vegetação, dada pelo azoto nítrico, a par duma acção prolongada de que é responsável o azoto amoniacal.

Estas duas características reunidas, que fazem dos adubos nitricoamoniacais excelentes fertilizantes de fundo e simultaneamente de cobertura, eram, no entanto, no nitrato de amónio, quase totalmente desvalorizadas pelos inconvenientes que apontámos. Devido, porém, ao interesse que um adubo desta natureza poderia vir a ter, nos meios agrícolas, tentaram-se vários processos para neutralizar aqueles defeitos.

De todos o mais conhecido e que ficou como padrão deve-se aos ingleses: um produto, designado «nitrochalk», que não era mais que uma mistura de nitrato de amónio (44,3% e de carbonato de cálcio (51%), com 15,1% de azoto fertilizante e 29% de cal. Com este adubo assim preparado, um outro inconveniente, que não tínhamos ainda referido, a tendência para a acidificação dos terrenos, deixava também de preocupar a lavoura e, ao mesmo tempo, devido ao óxido de cal que continha, melhoravam-se as condições físicas do solo.

Actualmente existem no mercado vários adubos deste tipo que, pela possibilidade que existe de serem aplicados em múltiplas condições, estão merecendo da lavoura acolhimento favorável.

Nas últimas campanhas o consumo de adubos nitricoamoniacais

A expedição antártica do explorador solitário

Duncan Carse, o experimentado explorador da ilha deserta de Georgia do Sul nas fronteiras do Antártico, vai de novo voltar para lá — mas desta vez sózinho.

Permanecerá dezoito meses na ilha e, durante esse período de tempo, executará um programa científico de trabalhos de pesquisa terrestres e de estudos meteorológicos; além disso, reunirá fósseis para substituir a sua colecção perdida durante a guerra e fará filmes coloridos das paisagens locais e da vida dos animais e dos pássaros.

Acresce uma outra razão para o seu solitário regresso à Georgia do Sul: estudar-se a si mesmo.

Nesta frígida «experiência de solidão», Carse disporá de combustíveis e lubrificantes fornecidos pela Shell.

Já começou a aquisição dos terrenos para a construção do aeródromo

(Conclusão da 1.ª página)

pais, temo-nos adiantado para além dos planos, utilizando os meios próprios com que se dotaram os serviços. No arranjo de ruas na cidade apenas se conseguiu pavimentar a Rua de Pedro Nunes. As restantes incluídas no plano, por que implicam aprovação do projecto de esgotos — já elaborado e apresentado — tiveram ainda em 1960 de sofrer paragem.

E acrescenta-se: «O ano de 1960 constituiu mais um passo no sentido da diminuição das necessidades e da solução dos problemas que fundamentalmente a administração municipal tem de resolver. Não foi, porém, passo tão grande quanto o desejariamos todos nem quanto o permitiriam as possibilidades municipais. Simplesmente, como já tive ocasião de salientar perante V. Ex.ª, o ritmo da actividade municipal, no que respeita a obras públicas, está condicionado pela aprovação superior dos respectivos projectos e pela concessão do subsídio ou comparticipação correspondente. Pode, porém, agora garantir-se que muito em breve recomenciarão as obras neste sector, devendo a de maior vulto ser constituída pela urbanização da zona onde se encontra em vias de conclusão o edifício do Palácio da Justiça».

Optimismo quanto ao aeródromo e liquidação das divergências acerca do problema da electricidade

No que respeita ao aeródromo, melhoramento fundamental para o desenvolvimento turístico do Algarve, informou o sr. dr. Luís Gordinho Moreira: «Julgava-se que em 1960 se entraria francamente na execução do aeródromo projectado, obra indispensável à empreendida valorização turística do Algarve. Formalidades necessárias, indispensáveis dificuldades, que sempre surgem no caminho de todas as realizações e inevitáveis demoras, por motivos de vária ordem, o não permitiram. Porque, porém, a vontade dos responsáveis está definida e é determinada no sentido da realização, acalmem-se os mais ansiosos, confiem os mais cépticos, que as dificuldades naturalmente inerentes a uma obra que custará muitos milhões de escudos estão praticamente vencidas e já se iniciou a fase de aquisição dos terrenos. Dado o primeiro passo, os outros se lhe seguirão, sem demora, para que sem demoras maiores todos vejamos realizada obra que sendo de valorização regional, será necessariamente elemento de extraordinária importância para o turismo nacional».

Quanto ao problema da electricidade, informa-se que o mesmo chegou ao termo da solução com o acórdão de 28 de Outubro de 1960, do Supremo Tribunal Administrativo que negou provimento ao recurso interposto pela Aliança Eléctrica do Sul e que era o que ainda faltava decidir de todas as acções que a ex-concessionária intentara contra a Câmara. Obteve assim o Município o reconhecimento da perfeita legalidade da sua atitude e das medidas que tomou em relação àquela empresa.

«Proceder-se-á — diz-se no relatório — certamente em breve, às formalidades necessárias a liquidação devida. Está-se em fase de negociações em que a mesma empresa propõe normas de sua invenção para proceder a actos e formalidades para que há regras e disposições legais perfeitamente definidas e claras. Tudo o Município fará, de resto como sempre procedeu, para não demorar a definitiva solução do caso. Tudo evidentemente menos fraquejar no que é a defesa dos seus legítimos direitos e dos interesses que lhe estão confiados ou condescender

com propostas que não têm qualquer apoio legal ou moral que as justifique.

«As remodelações se vai procedendo em ritmo acelerado: instalou-se um novo transformador de 2.000 KWA na subestação da Penha, que está a sofrer transformação total e apreciável ampliação, substituiu-se todo o fornecimento de energia em corrente contínua, reforçaram-se linhas e procede-se activamente à melhoria da iluminação pública.

«O que vem sendo feito é, sem dúvida, demonstração da vitalidade dos Serviços Municipalizados e parece que será elemento suficiente para comparar, em relação a um serviço público, o comportamento de uma empresa como a Aliança Eléctrica do Sul com o dos Serviços Municipais».

As receitas camarárias, incluindo o saldo do ano anterior, foram de 15.710.193\$10 e as despesas de 9.652.340\$90, passando para este ano o saldo de 6.057.852\$20.

Como curiosidade reproduzimos as receitas dos últimos cinco anos: 1956 — 5.141.965\$80; 1957 — 8.747.308\$10; 1958 — 6.259.800\$00; 1959 — 16.839.552\$90; 1960 — 7.151.466\$50.

A receita do turismo foi de 358.385\$10, passando para este ano o saldo de 53.980\$30.

Calendários da Mabor

Da Mabor — Manufatura Nacional de Borracha, recebemos artísticos calendários de parede, que agradecemos.

Artigos de Fantasia para Brindes — Faqueiros Porcelanas e Cristais Sortimento de Artigos de Ménage Aços Inoxidáveis — Serviços de Metal — Cutilarias

Casa das Utilidades FUNDADA EM 1936

54, Rua Ivens Telefone 28612 LISBOA - 2

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

Junta Autónoma de Estradas Direcção de Estradas do Distrito de Faro ANÚNCIO

Concurso público para a venda de: 808 Kgs. de pneus inutilizados; 215 Kgs. de câmaras de ar, inutilizadas e 38 Kgs. de cintas de protecção inutilizadas.

Base de licitação . . . Mil e oitocentos escudos

Faz-se público que no dia 10 de Março de 1961, pelas dezasseis horas, se procederá, na sede da Direcção de Estradas do Distrito de Faro, ao concurso público para a venda da sucata acima indicada.

O processo de concurso está patente na sede da Direcção de Estradas do Distrito de Faro.

A sucata encontra-se patente ao público, todos os dias úteis, nas horas de expediente, no Armazém destes Serviços, na Rua do Alportel, n.º 106, em Faro.

Direcção de Estradas do Distrito de Faro, 14 de Fevereiro de 1961.

O Engenheiro-Director Alberto da Silveira Ramos

ANTIGO LOTE DE CAFÉ CHAVE D'OURO MAIS DE 50 ANOS AO SERVIÇO DO PÚBLICO. Serve-se à chavena e vende-se a peso em todo o País. Preparadores: VILARINHO & SOBRINHO, LDA. Janelas Verdes — Lisboa



CARNAVAL, Carnaval... Se quisermos fazer uma crítica rigorosa aos festejos do Carnaval, diríamos que as primeiras épocas foram de música sinfónica. Passou-se depois à música ligeira e hoje estamos nos «jazz», mas «jazz» já, da época dos «rocks» e «calypso». É forçoso e doloroso dizer-se que a graça, a figura, a «finesse» dos carros foi-se esbatendo num aviltamento de bom gosto, de expressão, de significado até, que nos conduziu ao que temos visto nos últimos dois anos. Muitos carros, mas; carros traduzindo um símbolo, uma alegoria, um significado, cada vez vemos menos. Tirando três ou quatro que poderiam considerar-se bons, não há dúvida que o resto esteve em muito baixo nível. E é pena que assim suceda pois vai-se desvirtuando uma festa em que Loulé dava cartas.

de expressão mas pela própria época que transcorre, em que já não se sente o cuidado de fazer bem e fino, mas apenas fazer de qualquer maneira. A planificação desta festa, o desejo de fazer por imposição de tradição, o cansaço das pessoas que podiam fazer melhor, o custo exagerado dos materiais e os salários pesados dos operários, tudo contribuiu para se chegar a este insucesso. Dir-se-á que não prestou? Talvez para nós, que assistimos a paradas tão finas, brilhantes e distintas, assim seja. Mas para a gente nova que tem outro sentido, a ponto de fazer da B. B. (afinal feia, como as coisas feias) um símbolo, um tipo coqueluche moderna, talvez este desarranjo, este desencontro de bom gosto, seja bom e bonito! Talvez seja que estejamos envelhecidos, descrentes, cépticos e então desactualizados no gosto, no sentir, na apreciação, porque, afinal de contas, ouvimos muitas apreciações favoráveis e até consideraram o Carnaval deste ano superior ao do ano findo. E agora, umas considerações e episódios da quadra. Alguns estudantes com uma capa estendida pediam «ajuda» para a entrada no baile... Alguém censurou que a «nobre academia» descesse a mendigar e enquanto essa pessoa se esforçava por demonstrar que era um acto pouco nobilitante para quem pedira e até para quem tinha de dar, ouviu a seguinte resposta: «Olhe lá, o senhor não dá nada, não é? Pois olhe, o que nós não pedimos foi lições de moral! Se quer dar alguma coisa dê, mas de lições estamos nós fartos!».

A orquestra Molero, para o baile da comissão, ficou retida em Aiamonte, pelo nevoeiro que impediu a circulação no rio. Grandes aflições se passaram enquanto se não conseguiu a cedência de músicos das diversas orquestras que actuavam pelos bailes das diferentes sociedades. No entanto a animação foi grande, dançando-se até à madrugada de segunda-feira. Na manhã deste dia, grande calafrio percorreu os louletanos. O dia amanheceu cheio de nevoeiro, que durou até quase às 11 horas. Mas afinal o nevoeiro desfez-se e dele surgiu a orquestra Molero, que abrilhantou os dois bailes da comissão.

O nosso comprovinciano sr. Frank P. Sales, não me entende, nem eu o entendo a ele. Ele pode fazer a propaganda que quiser e entender da América do Norte, quando e onde o achar mais oportuno. Eu não conhecia o sr. Frank P. Sales. Ele é que veio interferir comigo e tem uma maneira de dizer as coisas que magoa os outros, porque dá a entender que quem não é da sua opinião, ou é chauvinista ou tem egoísmo nacionalista. Ora sr. Frank P. Sales! O senhor está na América do Norte e entende que há-de ser grato a esse País. Muito bem! Só lhe ficam bem esses sentimentos. Mas nós estamos em Portugal e, pessoalmente, não temos razão nenhuma para ser gratos à América do Norte. Eu digo, pessoalmente. De forma que não podemos ter pela América do Norte nada que se compare ao que sentimos por Portugal. Será isto chauvinismo?

O senhor pelas circunstâncias da sua vida adoptou como seu um país, que não é o nosso, acha-se grato para com esse país e faz muito bem. Agora quer que nós sintamos pela América do Norte, o que sente, é que me parece não ser tolerante. O senhor, quanto a pátria, tem mãe e madrastra. Quer muito a esta, está no seu direito, mas nós por enquanto, temos só mãe. E, como esta, não há nenhuma no Mundo. Não há, pois, chauvinismo. O que há, são duas posições diferentes. Dois ângulos de visão distintos! E cada vez mais estamos apreciando quanto a América é nossa amiga! Valha-nos Santa Maria!

Repórter X

PERDEU-SE Um calção de banho, de lã, preto, de homem, com cinto e bolso, entre Manta Rota e Altura. Pede-se a quem o achou o favor de entregá-lo no carro dos livros da Biblioteca Itinerante.

A ermida de S. Gonçalo no concelho de Palmela

(Conclusão da 1.ª página)

tra facilmente se vê ainda, no livro que tem numa das mãos, a tarracha que segurava sobre ele a imagem do Menino Jesus... foram para lá transferidas de duas das restantes três ermidas que existiram na quinta da Torre, quando estas se arruinaram. Das imagens que, de facto, têm interesse para o caso que nos ocupa, a maior, que se encontra no nicho cavado na parede, acima da mesa de altar (nichos que parece, pelas suas dimensões, ter sido feito exactamente para ela), representa a Virgem Maria (o povo do lugar chama-lhe Nossa Senhora da Conceição, mas faltam-lhe os atributos tradicionais desta invocação — a meia lua ou a serpente calcada aos pés — e tem os atributos usuais de Nossa Senhora da Assunção ou da Ascensão, pois apoia-se sobre flocos de nuvens, de onde sai uma revoada de anjos) e afigurase-nos ser talvez dos fins do século XVII ou começo do século XVIII (o manto de cetim azul, que ostenta agora, é muito posterior, foi-lhe certamente posto pela ingénua devoção popular, e só tirando-o se pode ver a imagem convenientemente); a mais pequena, que está hoje colocada sobre a própria mesa de altar e o povo dos arredores diz ser S. Gonçalo, — pelo estilo das vestes parecemos só poder ser do século XVII, pois faltam-lhe as principais características das imagens oitocentistas, sobre tudo aquilo que, talvez com pouca propriedade, designaremos por opulência e sumptuosidade.

De tudo isto — e que é tudo o que a própria ermida parece dizer-nos sobre a provável data da sua construção — conclui-se talvez que esta poderia ter-se verificado, quer no tempo de D. Fernando de Mascarenhas (século XVII), quer no tempo de D. João Benedito (século XVIII), embora preferentemente no deste último; e que, portanto, se acentua assim a verosimilhança da hipótese, posta pelo sr. J. Rita Seixas e também inicialmente por nós próprio, de tratar-se de uma ermida dedicada a S. Gonçalo de Lagos. Todavia — temos de confessá-lo — quanto se disse já, neste e nos artigos anteriores, não é ainda suficiente para transformar tal hipótese numa certeza, até porque as conclusões parciais a que temos chegado — e não nos cansámos de o fazer notar aos leitores — se firmam principalmente em não poucos pareceres, ainda sem comprovação documental ou equivalente.

Desta forma, ao estudo sério e ao esclarecimento completo do caso da ermida de S. Gonçalo do concelho de Palmela, no estado actual dos nossos conhecimentos a seu respeito, não pode interessar apenas o que pareça confirmar aquela hipótese e sim, também, tudo o que pareça contrariá-la ou mesmo destruí-la, e, realmente, alguma coisa encontramos ainda, nas nossas investigações, mesmo entre aquilo que a própria ermida nos disse, e que parece destruir, se não tudo, pelo menos a maior parte do que favoravelmente apontámos já. Nisso residem, até, as nossas maiores, as nossas principais dúvidas. Mas, disso occupar-nos-emos, já agora em mais um artigo; se não... os leitores deste jornal, que porventura não se interessem pelo assunto — no que estarão em seu pleno direito... — dar-nos-ão ao diabo, por roubar-nos, em cada número, demasiado espaço aos temas da sua predilecção... Antero Nobre

FIOS DE LÃ PARA TRICOT NOVAS QUALIDADES (AOS PREÇOS DE FÁBRICA) ESCOCESA desde Esc. 150\$00 cada quilo A L E M Á, Esc. 200\$00, cada quilo Peça amostras para J. P. ÁLVARES FERREIRA, LDA. Rua da Medalena, 78 (junto à Rua dos Retrosellos) Telef. 27652 LISBOA Envia-se à cobrança

PARA INDÚSTRIA OU AUTOMÓVEL PREFIRA A MELHOR CORREIA TRAPEZOIDAL TIRELLI REP. R. S. CONTRERAS, Lda, R. DO TELHAL, 4-B PARA ENTREGA IMEDIATA EM CENTENAS DE MEDIDAS DE TODAS AS SECÇÕES Telefones 29587 - 33400 LISBOA

CAI-LHE O CABELO?... TEM CASPA?... É CALVO?... USE VITABOLBO E TODOS ESSES MALES DESAPARECEM CADA EMBALAGEM 100\$00 (RESTITUI-SE A IMPORTÂNCIA NO CASO DE NÃO SE VERIFICAREM RESULTADOS FAVORÁVEIS) Rep. Excl.: Produções Sande Freire Av. Alm. Reis, 94, 4.º-Esq. — Telef. 734208 — LISBOA Dist. Geral: Farmácia Lobel Rua Infantina 16, 99-B — Telef. 688807 — LISBOA Depositário e Distribuidor no Porto: Depósito Farmacêutico Rua da Ponte Nova, 54, 1.º — Telef. 24471 — PORTO PASSE A USAR VITABOLBO E DEIXARÁ DE SER CALVO, O CABELO NÃO LHE CAIRÁ E FICARÁ SEM CASPA ÊXITO ABSOLUTO NO CONTINENTE, ULTRAMAR E ESTRANGEIRO

ALGARVE 1965

De Setúbal ao Algarve em transporte rodoviário

(Conclusão da 1.ª página)

Os veículos que se dirigem para o Algarve transitam com segurança através das ruas e avenidas da cidade, já hoje continuamente pejudicadas de automóveis, autocarros e camiões pesados.

Que necessidade terão as pessoas que se dirigem directamente ao Algarve e a Espanha de andar às voltas por Setúbal para tornar a encontrar a estrada n.º 10? Nenhuma, absolutamente! Por isso mesmo há que facilitar as comunicações dos que não têm necessidade de atravancar as ruas da cidade uma vez que dela nada pretendem e apenas por ali vão de passagem.

Para os que vêm de Lisboa e continuam o caminho além de Setúbal é necessário construir-se uma estrada (aliás pequena e pouco dispendiosa) com origem na estrada n.º 10 (ou futura auto-estrada) nas imediações da entrada a poente de Setúbal e que contornando a cidade a norte iria de novo ligar à estrada para o Algarve já nos arredores a leste da mesma.

Não vemos dificuldades de maior em tal construção porque a zona a utilizar não tem, por enquanto, edifícios que se torne necessário demolir, mas saliente-se o facto de que a sua concretização iria atrair para as zonas adjacentes muitos blocos de habitação o que descongestionaria grandemente o aglomerado cáctico da «baixa».

Também apesar de cruzar a linha do Sado não teria passagens de nível, porque ao norte da estação do caminho de ferro, a altura da cota da linha permite com facilidade a construção dum viaduto para passagem sob a via férrea.

É já agora não é demais notar que não é preciso ser-se bom observador para se verificar que a construção desta estrada (ou avenida) iria encurtar substancialmente a distância em relação à actual passagem pelo centro. Todas estas razões e ainda as de tornar mais fáceis as comunicações com o norte da cidade, servir as regiões horticolas limitrofes, facilitar as ligações com Palmeira pela estrada n.º 252, tornar mais rápido o acesso à estação do caminho de ferro, servir condignamente a região, em pleno desenvolvimento urbano, a leste da estação e a estrada n.º 10, pesam a favor da construção deste pequeno mas indispensável troço de estrada.

para uma estrada internacional. Talvez contornando a vila por qualquer dos lados ou, em último caso, reconstruindo a actual, com novo traçado. Chegada aqui a estrada para o Algarve, ramifica-se em duas. Continuemos pela n.º 5 que vai terminar no Torrão ou seja a internacional E 52 que vai passar a fronteira a Ficalho. De momento serve, ainda que não muito satisfatoriamente e dizemos isto porque há nela «pontes» que, demasiado estreitas, permitem apenas a passagem de um veículo. Necessitam de ser alargadas.

Assim se chega ao Torrão onde se toma a mais extensa estrada do País, a n.º 2 que vai de Chaves a Faro mas que está longe de ser a n.º 2 pelo menos em categoria. Aqui topa-se com o maior absurdo em matéria de estradas de longo curso. Nesta altura de «Boeings» a jacto transportando os turistas a todas as partes do Mundo a velocidades sónicas, custa a crer que esses mesmos turistas quando viajam em Portugal nos seus automóveis tenham que perder tempo e sofrer incómodos ao fazer marcha atrás, só porque não podem avançar por a estrada não dar passagem a dois veículos simultaneamente.

Continuamos o caminho do Algarve e até Ferreira o movimento é ainda notável porque há também muitos veículos indo e vindo da fronteira. É de ano para ano eles irão aumentando conforme as estatísticas indicam. Daqui em diante começa a estrada do Algarve propriamente dita. 10 quilómetros mais além Ervidel e o cruzamento para Beja. Afinal já aqui há uma povoação na estrada do Algarve em que a via deixou de passar pelo seu centro.

Assim devia ser em toda a parte. Diz-se que isso está previsto, mas para quando? É necessário concretizar a fim de que acabem os incómodos. A partir de Ervidel vai-se normalmente até encontrar a maior «dor de cabeça» dos automobilistas. A passagem de nível da estação de Castro Verde-Almódovar. Já é tempo de ali fazer uma passagem superior, até porque entre Lisboa e Porto se fizeram boa quantidade delas, de modo a suprimir as passagens de nível. Temos por isso o direito de pedir apenas uma (uma!) entre Lisboa e Faro.

Está depois a pedir providências a passagem em Castro Verde, pelo meio da vila. Sobretudo os camiões pesados são os grandes obstáculos. Talvez que com passagem pelo lado poente se possa resolver o caso.

Mais uns quilómetros e nova passagem pelo centro de outra vila, desta vez Almódovar. Até aqui as estradas são mais ou menos rectas, convidando a velocidades mas propícias a desastres porque há algumas pequenas pontes estreitas. De Almódovar em diante começa o grande martírio dos automobilistas. Não há palavras mas há números: São 460 grandes curvas e contracurvas em apenas 60 quilómetros de estrada.

É verdade que os turistas procuram sensações, mas não a sensação do precipício e do choque. Só há uma solução. Alier o homem à máquina e construir depressa, antes que seja tarde, uma estrada melhor.

Finalmente, eis-nos chegados a uma notável terra algarvia que há muito despertou para o turismo: São Brás de Alportel, com a sua magnífica e bem situada pousada. São apenas mais 18 quilómetros até Faro, que se galgam depressa na ânsia de respirar a brisa que vem do mar e contemplar o azul vivo do céu e da água. É um bocado de estrada que dentro em breve terá que ser mais ampla.

É pronto, chegou-se ao fim da principal estrada para o Algarve (noutra altura falar-se-á também das outras duas estradas para o Algarve) após uma viagem exultante que contudo não nos extenuou o entusiasmo ao ficar-se com a certeza de que o que aqui se pediu não será em vão e que graças ao espírito de compreensão e realização do Governo se permitir que seja uma realidade nesse fabuloso Algarve de 65.

Horácio Neves Bacelada

E por que não se faz o mesmo na linha do Algarve?

(Conclusão da 1.ª página)

fazia ouvir a sua voz no conjunto das províncias portuguesas, confirmando a loquacidade que sempre foi atribuída a esta pacífica, sofredora e bondosa gente do Sul. Lamentavelmente ou disciplinadamente a loquacidade atenuou-se a tal ponto que nos falece o ânimo para bradarmos pelos nossos interesses. Por isso, discretamente, assinalamos o facto de ir ser reconstruída a linha da Beira Baixa, lamentando que a inexorabilidade do tempo nos não dê ensejo de um dia noticiar que também a linha do Algarve vai ser actualizada. Nenhuma esperança de chegarmos ao ano 2.000! Seria um insulto ao tempo, à biologia e à fisiologia e uma depreciação às honestas e fúnebres receitas dos cangaieiros. E com estes empenhamo-nos em estar em paz, com vistas a poupar trabalhos aos ortopedistas avernosos ou celestiais.

Catálogo dos Viveiros do Falcão

RECEBEMOS o magnífico catálogo de plantas e árvores de fruto e sombra dos Viveiros do Falcão que têm a sua sede em Carnide - Lisboa e pelo qual se aprecia a grande variedade de plantas e árvores que os acreditados Viveiros têm disponíveis.

VENDE-SE

Talhões de terreno para construção urbana em local autorizado no sítio das Hortas, a pouca distância de Vila Real de Santo António. Informa-se na Redacção deste jornal.

O Parque de Campismo de Monte Gordo, ficará concluído dentro de três meses

(Conclusão da 1.ª página)

meçassem pouco depois, estando a materializar-se um empreendimento de grande vulto e de repercussões no futuro da linda e progressiva vila. No edifício onde está a funcionar a escola e que foi totalmente construído a expensas da Câmara, ainda teve o Município que despendeu o ano passado 37.960\$20 para diversos melhoramentos.

Assinala o relatório que foi concluída a Avenida Ministro Duarte Pacheco, artéria de muito trânsito e cuja necessidade de alargamento e pavimentação há muito se fazia sentir. Fez-se também o projecto da Rua n.º 14 e suas transversais, a qual passa a poente da Zona Industrial Sul e que serão aquelas que vão servir o novo bairro de casas para famílias pobres, ao mesmo tempo que irão possibilitar a construção de edifícios na zona a Norte da estrada municipal Vila Real-Monte Gordo e a Nascente da referida avenida.

A Rua Gil Eanes, em Monte Gordo, uma das de maior movimento, vai ser asfaltada e foi mandado elaborar o projecto da Rua Gonçalo Velho, na parte Nascente, na mesma praia, onde existem diversas moradias novas e que vai dar acesso ao novo mercado que a Câmara pensa mandar construir brevemente.

O documento refere-se aos trabalhos decorrentes da estrada Mantua Rota - Corte António Martins (2.ª fase), melhoramento muito importante para a freguesia de Vila Nova de Cacela, pois é a sua estrada de maior movimento.

Também foram adjudicados os trabalhos da 3.ª fase dos arruamentos de acesso às escolas daquela vila, os quais ainda não foram iniciados em virtude de diversos problemas relacionados com a aquisição dos terrenos necessários, o que sempre acontece naquela freguesia quando os melhoramentos afectam qualquer parcela de terreno particular, por mais ínfima que seja. Desde logo há excepções que só servem para confirmar a regra.

O sr. presidente do Município deu também conhecimento de que estão em via de conclusão mais 12 fogos para famílias pobres, empreendimento para o qual o Estado contribui apenas com dez contos para cada fogu, sendo por isso difícil prosseguir-se com esta obra indispensável e humanitária, pois os citados 12 fogos importaram em mais de 360 contos, sem contar com as despesas de urbanização que ainda terão de fazer-se.

Os trabalhos de pesquisa de água e o problema dos esgotos de Monte Gordo

O facto de Vila Real de Santo António ter de abastecer de água, não só a sede do concelho, como também Monte Gordo e Castro Marim, obrigou a Câmara a olhar para o problema do abastecimento de águas com a maior atenção. Assim, e em virtude das actuais captações terem já demonstrado que são insu-

Atlante Rádio. APRESENTA O MELHOR E MAIS COMPLETO APARELHO PORTÁTIL ATÉ HOJE PRODUZIDO. Turist COM SUPERSOM HI-FI. TOTALMENTE TRANSISTORIZADO PARA TODAS AS ONDAS INCLUINDO AS MARÍTIMAS. DE QUALIDADES SONORAS INIGUALÁVEIS, COM SUPERSOM HI-FI, ESTE EXCELENTE RECEPTOR PODE FUNCIONAR EM CASA, NO AUTOMÓVEL, NO CAMPO, NA PRAIA OU NA MONTANHA. GRANDE POTÊNCIA E SENSIBILIDADE. EXTREMAMENTE ECONÓMICO E DE MODELAR APRESENTAÇÃO. QUEIRA PEDIR INFORMES AOS AGENTES GERAIS. Electrónica. RUA SANTO ANTÓNIO, 71 - TELEF. 25800 - PORTO

E' necessário estabelecer o regulamento da lota de Vila Real de Santo António

DE um comprador de peixe da Vila Fomalina recebemos a seguinte carta, chamando para o seu conteúdo a atenção de quem possa dar remédio ao inconveniente apontado:

Sr. director do Jornal do Algarve

Podem-me alguns compradores e exportadores de peixe de Vila Real de Santo António, assistentes da primeira hora às lotas, onde angariam o pão de cada dia, empregando a sua actividade mais que insana, rude e sem observância possível de horários, seja para que refeição for, pedem-me, repito, que me dirija a v., rogando-lhe que em pequenina local do Jornal do Algarve faça eco da necessidade premente de se impor com a maior urgência o «Regulamento de Lota», a exemplo do que já existe há muitos anos nas outras lotas industriais de Lagos, Portimão e Olhão.

Além do prejuízo manifesto que se verifica todos os anos com a aglomeração de pessoas a bordo dos barcos com peixe à venda, curiosos uns, outros porque é desnecessária a sua presença, acresce o facto da autoridade marítima e funcionários da Casa dos Pescadores, do Grémio dos Armadores e da Guarda Fiscal, não poderem desempenhar cabalmente as suas respectivas funções com a facilidade que seria para desejar. Agora, felizmente, já existe um novo edifício da lota que brevemente será inaugurado; eis, sr. director, uma oportunidade excelente do vosso Jornal do Algarve pugnar para a solução do problema.—Um comprador.

As obras de electrificação do concelho

As obras de electrificação do concelho, têm prosseguido em ritmo apreciável e assim, em 1960, não só foi iniciado o abastecimento de corrente eléctrica em alta tensão à freguesia sede, como também foi ligada à alta tensão a rede de Monte Gordo, o que permitiu a paralisação da central térmica que a Câmara Municipal possuía naquela praia.

Não se refere a novas tarifas, foram estas solicitadas logo em Junho do ano passado, mas infelizmente chegou-se ao fim do ano sem as mesmas terem sido aprovadas. Segundo informações

BRINDES ÚTEIS dá a FARINHA 33

Vende-se em toda a parte

colhidas nos meios oficiais competentes, espera-se que elas sejam publicadas no «Diário do Governo» por todo o corrente mês, o que trará grandes benefícios a todos os consumidores.

O relatório mostra-se optimista quanto ao progresso da indústria do turismo, assinala o benefício que constituiu a construção da doca de pesca e informa que no ano findo foram concedidos para fins assistenciais 245.112\$80 e a instituição de educação e instrução 38.580\$00.

As receitas, incluindo 1.600.000\$ do empréstimo para os Serviços Municipalizados, subiram, contando o saldo do ano anterior, a 6.497.153\$60 e as despesas a 5.247.595\$40, passando para o corrente ano o saldo de 1.249.558\$20.

